

A Moreninha





JOAQUIM MANUEL DE MACEDO

A Moreninha

TEXTO INTEGRAL

Apresentação de

Consuelo Albergaria Prado

ea
editora ática

gerente editorial Claudia Morales
editor Fabricio Waltrick
editora assistente Fabiane Zorn
diagramadora Thatiana Kalaes
coordenadora de revisão Ivany Picasso Batista
revisão Bárbara Borges e Cláudia Cantarin
projeto gráfico Fabricio Waltrick e Luiz Henrique Dominguez
coordenadora de arte Soraia Scarpa
editoração eletrônica Acqua Estúdio Gráfico

imagem da capa Montes, 2006, Tatiana Blass

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS - RJ

M121c
36.ed.

Macedo, Joaquim Manuel de, 1820-1882
A Moreninha / Joaquim Manuel de Macedo. - 36.ed.
- São Paulo : Ática, 2012.
168p. – (Bom Livro)

Inclui apêndice e bibliografia
ISBN 978-85-08-15421-0

1. Novela brasileira. I. Título. II. Série.

09-3757

CDD 869.93

CDU 821.134.3(81)-3

ISBN 978 85 08 15421-0 (aluno)
ISBN 978 85 08 12702-3 (professor)
Código da obra CL 737837
CAE: 267787

2017
36ª edição
6ª impressão
Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A. | 1995
Avenida das Nações Unidas, 7221 | Pinheiros | Cep 05425-902 | São Paulo | SP
www.aticascipione.com.br

Tel.: (0xx11) 4003-3061
atendimento@aticascipione.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Sumário

Lente de contato 9

Duas palavras 15

I Aposta imprudente 17

II Fabrício em apuros 24

III Manhã de sábado 30

IV Falta de condescendência 36

V Jantar conversado 41

VI Augusto com seus amores 50

VII Os dois breves, branco e verde 54

VIII Augusto prosseguindo 61

IX A sra. d. Ana com suas histórias 68

X A balada do rochedo 72

XI Travessuras de d. Carolina 76

XII Meia hora embaixo da cama 80

XIII Os quatro em conferência 88

XIV Pedilúvio sentimental 93

XV Um dia em quatro palavras 98

XVI O sarau 103

XVII Foram buscar lã e saíram tosquiadas 108

XVIII Achou quem o tosquiasse 114

XIX Entremos nos corações 119

XX Primeiro domingo: ele marca 126

XXI Segundo domingo: brincando com bonecas 131

XXII Mau tempo 137

XXIII A esmeralda e o camafeu **142**

Epílogo **148**

Vida & obra **151**

Resumo biográfico **163**

Obras do autor **165**

Obra da capa **167**



Consuelo Albergaria Prado

Mestre em Letras pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-Rio) e doutora em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), instituição na qual lecionou.

As obras literárias do chamado período romântico, se bem se apresentem sob vários e múltiplos aspectos, formam em seu conjunto um todo que obedece a um certo esquema de estruturação, no qual, certamente, se inscreve este romance de Joaquim Manuel de Macedo.

A organização interna de um romance romântico pressupõe a obtenção de um equilíbrio estável que fecha a ação e põe fim às peripécias, geralmente colocadas como série de obstáculos que devem ser superados pelos heróis. O discurso remete à indução de uma prática virtuosa nos moldes em que se enquadraria melhor o grupo determinado a substituir e ultrapassar a classe (a nobreza) que cedeu lugar à sua aparição. É, pois, conveniente que o par amoroso central condense em si as qualidades desejáveis — quer para o homem, quer para a mulher, uma vez serem ambos os representantes das aspirações do grupo. Já aí temos uma das linhas-base da ficção dos meados do século XIX: aos olhos da época o romance não é apenas a reduplicação da sua realidade, mas o retrato da vida que gostaria de ver reproduzida. O romance é o instrumento de uma ideologia usada como meio de propaganda e afirmação de um grupo a serviço de uma classe em vias de formação.

À medida que procura sua consolidação, esta arma, o romance, informa e, sub-repticiamente, ensina como agir para preservar os valores criados e os meios para obtê-los. A recompensa, em geral, é apresentada como o sucesso amoroso. Ficavam os leitores da época sabendo que o caminho para a felicidade não se afasta de certos procedimentos éticos, e só podem conseguir a felicidade aqueles que, por virtude, a têm merecido.

No presente caso, isso se mostra de forma evidente no apreço que se dá à fidelidade, à perseverança, à simplicidade e a outras tantas virtudes bur-

guesas. Macedo, inquestionavelmente romântico, não escapa à regra. E, para que não se duvide das suas convicções, lança mão de recursos tais que é impossível ao leitor fugir ao seu modo de enfocar a ação: explicita os diálogos, usa de exageros, repete inclusive certas cenas, como, por exemplo, Carolina que escuta a conversa de Augusto com d. Ana, na gruta. Isso, para que o leitor não fique em dúvida quanto às suas intenções. Além disso, no seu empenho em bem delimitar o poder da virtude, realça o da sua heroína, colocando, como pano de fundo contrastante, outras donzelas às quais faltam algumas das qualidades de Carolina; e temos Gabriela, Clementina e Quinquina, volúveis e infiéis, a se divertirem à custa de sentimentos alheios.

Assim, vemos ser perfeitamente adequada a colocação usual romântica de personagens opostos serem apresentados como portadores de valores e/ou desvalores absolutos, no sentido de exemplificar procedimentos humanos dentro de determinados padrões socioculturais. Das narrativas românticas, *grosso modo*, excluem-se os personagens relativos, dotados de inquietação existencial. Nem mesmo Augusto escapa dessa situação, pois sob a capa de sua inconstância, tão proclamada, resguarda o seu amor da infância.

Aos olhos de hoje, desvendam-se, sob a história de amor açucarada, os costumes de uma época. E podemos detectar, na narrativa, as características de um estilo de vida refletido num estilo literário.

Temos, então, no romance *A Moreninha*, a possibilidade de, entre outras coisas, verificar:

- a) a descrição de um *modus vivendi* próprio de uma sociedade de determinada época;
- b) regras e instruções para conseguir e preservar esse *modus vivendi*;
- c) uma ideologia.

Tudo isso é veladamente mostrado sob uma história de amor.

A par disso, o bom humor de Macedo, mostrando de forma quase displicente os pecadinhos da sua sociedade, entremeados às descrições precisas de hábitos e ambientes, não isentas de uma certa postura lúdica. Ao seu olhar atento passam os lazeres (os jogos de gamão, *écarté*, voltarete), o sarau com a “moça desafinando um sustenido”; e os costumes: o moleque de recados, o passeio após o jantar e até a linguagem estudantil em suas diferentes dicções — o jargão dos estudantes de Direito:

Ingrata! ainda tremem minhas mãos, pegando no corpo de delito da tua perfídia! Escreves a outro!? Compareces por tão horrível crime perante o júri do meu coração; e, bem que tenhas nesse tribunal a tua beleza por advogado, o meu ciúme e justo ressentimento, que são os juízes, te condenam...

e a fala da “junta médica” formada por ocasião da bebedeira de Paula. Daí, talvez, a modernidade de *A Moreninha*.

Muito se enganam, no entanto, os que pensam que Macedo via seu mundo apenas através da névoa rosada do romantismo. Usando de um recurso bastante ingênuo — o de dizer que não vai dizer — Macedo vai dizendo, com verve, as suas verdadezinhas, sem deixar de lado a crítica irônica, e às vezes ferina, dos hábitos de uma sociedade que segue o romantismo como moda tirânica da qual não se pode escapar. Inúmeras são as alusões que faz à “moda romântica” e sempre se pode notar, na fala de seus personagens, que essa opinião não é das mais lisonjeiras:

— Mas a desordem é hoje moda! o belo está no desconcerto; o sublime no que se não entende; o feio é só o que podemos compreender: isto é, romântico...

Aliás, é mesmo esse tópico, a moda, que mais lhe parece preocupar. Da moda de vestir à de se escutar, escondido, a conversa alheia, isto é, bisbilhotar; a maledicência, o exagero... e até o beliscão e o puxão de orelha não passam despercebidos e encontram seu lugar dentro de um romance que, aparentemente, não pretende mais que contar a história de um amor... mas que também não deixa de implicar com o nascente movimento feminista, numa ocasião em que liberdade era a palavra de ordem.

... Macedo não era assim tão ingênuo quanto queria se fazer crer...

Ao lado dessas sutis (e divertidas) intromissões no nível da enunciação, o romance segue seu curso normal enquadrado nos moldes românticos e na tópica tradicional: exploração de uma paisagem exuberante e paradisíaca, obstáculos a serem vencidos pelo par amoroso, transformações causadas pelo sentimento puro, um certo absurdo nas situações inverossímeis e a vitória irrefutável do amor e da virtude — molas propulsoras de uma visada que permite ao leitor passar por cima de algumas incongruências do autor para alcançar um final reassegurador da tranquilidade burguesa.

A ficção romanescas de feição declaradamente romântica, como é o caso de *A Moreninha*, construindo-se em torno de um eixo narrativo que visa ao restabelecimento de um equilíbrio rompido, prende-se à eliminação ou afastamento de algumas dificuldades e permite a seus heróis — Au-

gusto e Carolina — darem provas de seu valor. Esse recurso estilístico não confere à narrativa o cunho do inesperado, como seria de supor. Pouco surpreende o leitor habituado a ser gratificado com a felicidade final configurada no casamento entre os dois jovens.

Assim, preserva-se a moral burguesa, resguardam-se os valores institucionalizados e o romance preenche a sua função social de veículo de ideias apriorísticas, que se pretendem guardiãs dos valores de uma classe.

À fórmula romântica da narrativa: “rapaz ama moça e seu amor há que vencer certos obstáculos antes de se realizar”, Joaquim Manuel de Macedo acrescenta ingredientes pessoais e trata com acuidade e malícia o pano de fundo, isto é, o cenário da ação. Observados atentamente, vemos os personagens secundários como retratos caricaturados de tipos encontráveis em toda sociedade; como não sorrir das senhoras presentes à cena onde Paula aparece bêbada?

Não importa quão ingênua a história seja, nem a simplicidade com que é narrada. O que não se pode esquecer é que um romance é a construção de um espaço específico em que a Vida, mesmo fingida, aparece como Verdade.



A Moreninha

Eis aí vão algumas páginas escritas, às quais me atrevi a dar o nome de *Romance*. Não foi ele movido por nenhuma dessas três poderosas inspirações que tantas vezes soem amparar as penas dos autores: glória, amor e interesse. Deste último estou eu bem a coberto com meus vinte três anos de idade, que não é na juventude que pode ele dirigir o homem; a glória só se andasse ela caída de suas alturas, rojando as asas quebradas, me lembraria eu, tão pela terra que rastejo, de pretender ir apanhá-la. A respeito do amor não falemos, pois se me estivesse o bulçoso a fazer cócegas no coração, bem sabia eu que mais proveitoso me seria gastar meia dúzia de semanas aprendendo numa sala de dança, do que velar trinta noites garatujando o que por aí vai. Este pequeno romance deve sua existência somente aos dias de desenfado e folga que passei no belo Itaboraí, durante as férias do ano passado. Longe do bulício da corte e quase em ócio, a minha imaginação assentou lá consigo que bom ensejo era esse de fazer travessuras, e em resultado delas saiu — *A Moreninha*.

Dir-me-ão que o ser a minha imaginação traquinas não é um motivo plausível para vir eu maçar a paciência dos leitores com uma composição balda de merecimento e cheia de irregularidades e defeitos; mas que querem? Quem escreve olha a sua obra como seu filho, e todo o mundo sabe que o pai acha sempre graças e bondades na querida prole.

Do que vem dito concluir-se-á que a *Moreninha* é minha filha: exatamente assim penso eu. Pode ser que me acusem por não tê-la conservado debaixo de minhas vistas por mais tempo, para corrigir suas imperfeições; esse era o meu primeiro intento. A *Moreninha* não é a única filha que possuo: tem três irmãos que pretendo educar com esmero, e o mesmo faria a ela; porém esta menina saiu tão travessa, tão impertinente, que não pude mais sofrê-la no seu berço de carteira e, para ver-me livre dela,

venho depositá-la nas mãos do público, de cuja benignidade e paciência tenho ouvido grandes elogios.

Eu, pois, conto que, não esquecendo a fama antiga, o público a receba e lhe perdoe seus senões, maus modos e leviandades. É uma criança que terá, quando muito, seis meses de idade; merece a compaixão que por ela imploro; mas, se lhe notarem graves defeitos de educação, que prove-nham da ignorância do pai, rogo que não os deixem passar por alto; acusem-nos, que daí tirarei eu muito proveito, criando e educando melhor os irmãozinhos que a Moreninha tem cá.

E tu, filha minha, vai com a bênção paterna e queira o céu que ditosa sejas: Nem por seres traquinas te estimo menos; e, como prova, vou em despedida, dar-te um precioso conselho: recebe, filha, com gratidão, a crítica do homem instruído; não chores se com a unha marcarem o lugar em que tiveres mais notável senão, e quando te disserem que por este erro ou aquela falta não és boa menina, jamais te arrepies, antes agradece e anima-te sempre com as palavras do velho poeta:

Deixa-te repreender de quem
bem te ama,
Que, ou te aproveita ou quer
aproveitar-te.

Aposta imprudente

— Bravo! exclamou Filipe, entrando e despiando a casaca, que pendurou em um cabide velho. Bravo!... interessante cena! Mas certo que desonrosa fora para casa de um estudante de Medicina e já do sexto ano, a não valer-lhe o adágio antigo: o hábito não faz o monge.

— Temos discurso!... atenção!... ordem!... gritaram a um tempo três vozes.

— Coisa célebre! acrescentou Leopoldo. Filipe sempre se torna orador depois do jantar..

— E dá-lhe para fazer epigramas, disse Fabrício.

— Naturalmente, acudiu Leopoldo, que, por dono da casa, maior quinhão houvera no cumprimento do recém-chegado; naturalmente Bocage, quando tomava carraspanas¹, descompunha os médicos.

— *C'est trop fort!*² bocejou Augusto, espreguiçando-se no canapé em que se achava deitado.

— Como quiserem, continuou Filipe, pondo-se em hábitos menores; mas por minha vida que a carraspana de hoje ainda me concede apreciar devidamente aqui o meu amigo Fabrício, que talvez acaba de chegar de alguma visita diplomática, vestido com esmero e alinhado, porém tendo a cabeça encapuçada com a vermelha e velha carapuça do Leopoldo; este, ali escondido dentro de seu *robe de chambre* cor de burro quando foge, e sentado em uma cadeira tão desconjuntada que, para não cair com ela, põe em ação todas as leis de equilíbrio, que estudou

1 **Bocage:** Manuel Maria Barbosa du Bocage (1765-1805) foi um poeta português; **carraspana:** bebedeira. (N.E.)

2 ***C'est trop fort!***: expressão francesa que significa "É forte demais!". O estudante demonstra seu desinteresse pelo que ouve, como se dissesse: "Isso é muito complicado. Não me interessa!". Note-se que, naquela época, era uma demonstração de requinte usar palavras e expressões francesas, latinas, etc. (N.E.)

em Pouillet³; acolá, enfim, o meu romântico Augusto, em ceroulas, com as fraldas à mostra, estirado em um canapé em tão bom uso, que ainda agora mesmo fez com que Leopoldo se lembrasse de Bocage⁴. Oh! VV. SS. tomam café!... Ali o senhor descansa a xícara azul em um pires de porcelana... aquele tem uma chávena com belos lavores dourados, mas o pires é cor-de-rosa... aquele outro nem porcelana, nem lavores, nem cor azul ou de rosa, nem xícara... nem pires... aquilo é uma tigela num prato...

— Carraspana!... carraspana!... gritaram os três.

— Ó moleque! prosseguiu Filipe, voltando-se para o corredor, traze-me café, ainda que seja no púcaro⁵ em que o coas; pois creio que, a não ser a falta de louças, já teu senhor mo teria oferecido.

— Carraspana!... carraspana!...

— Sim, continuou ele, eu vejo que vocês...

— Carraspana!... carraspana!...

— Não sei de nós quem mostra...

— Carraspana!... carraspana!...

Seguiram-se alguns momentos de silêncio; ficaram os quatro estudantes assim a modo de moças quando jogam o siso⁶. Filipe não falava, por conhecer o propósito em que estavam os três de lhe não deixar concluir uma só proposição; e estes, porque esperavam vê-lo abrir a boca para gritar-lhe: carraspana!...

Enfim, foi ainda Filipe o primeiro que falou, exclamando de repente:

— Paz! paz!...

— Ah! já?... disse Leopoldo, que era o mais influído.

— Filipe é como o galego, disse um outro; perderia tudo para não guardar silêncio durante uma hora.

— Está bem, o passado, passado: protesto não falar mais nunca na cara-çuça, nem nas cadeiras, nem na louça do Leopoldo... Estão no caso... sim...

— Hein?... olha a carraspana...

— Basta! vamos a negócio mais sério. Onde vão vocês passar o dia de Sant'Ana?

3 **Pouillet**: referência a Claude-Servais-Mathias Pouillet (1791-1868), físico francês, que foi professor na Sorbonne. Estudou as correntes e o equilíbrio de sistemas elétricos. (N.E.)

4 A passagem alude ao tão conhecido epigrama de Bocage: "Quando a velha antiguidade / Por estas casas entrou / Disse àquele canapé: / - Sua bênção, meu avô". (N.E.)

5 **púcaro**: caneco de lata. (N.E.)

6 **jogar o siso**: jogo no qual os participantes precisam se manter sérios, pois quem ri primeiro é o perdedor. (N.E.)